

JOSÉ MÁRIO  
**BRANCO**  
RESISTIR É  
VENCER

Letras das Músicas



# ÍNDICE

01. Nem Deus, Nem Senhor
02. Se do Império
03. Poder
04. As Contas de Deus
05. Canção dos Despedidos
06. Onofre
07. Eram Mais de Cem
08. O Papão do Anão
09. A Vida Rompeu
10. Do que Um Homem é Capaz
11. Cantos dos Torna-Viagem
12. Fado em Dó Maior
13. Pão-Pão
14. Amor Gigante
15. Tenho Dó das Estrelas
16. Elogio de Caeiro



# 01. NEM DEUS, NEM SENHOR

(letra e música: José Mário Branco)

A luz é tão cega  
Que nunca se entrega  
Só se deixa ver  
Numa razão de ser  
Sem sequer entender  
Os olhos que a vão receber

E o rasto que fica  
É uma coisa antiga  
Que a gente tem p'ra dar  
E só pode encontrar  
Quando morrer a procurar

Salvo pelo amor  
Só se pode ser salvo pelo amor  
Do sentido perdido ganhador

Não tem Deus nem Senhor  
Esta dor  
Anda à solta por aí  
Que eu bem a vi  
Ai, se eu pudesse parar  
Se eu vos pudesse contar

Salvo pelo amor  
Não existe derrota para a dor  
Com o seu capital triturador

Não tem Deus nem Senhor  
É simplesmente dor  
Que é o que faz questão de ser  
Sem entender  
Que a vida toda surgiu  
De um Sol que nunca se viu  
Nem sei se existe



# 02. SE DO IMPÉRIO

(letra e música: José Mário Branco)

Se do Império os mortos vais contar  
São tantas as parcelas p'ra somar  
Qualquer pequena história ao virar da esquina  
Guatemala, Indonésia, Argentina  
Djenine e Hiroshima

Para bem contar, não contes pelos dedos  
Nenhuma conta conta a dor  
Que essas contas contarão  
Aí nessa rua a seguir à tua  
Sangue, lágrimas - e medos

Tem cuidado  
Se do Império os mortos vais contar  
Melhor será saber recomeçar  
Que os mortos do Império vão voltar

Se do Império os mortos vais contar  
Terás milhões de vidas p'ra somar  
A grande história escrita ao virar da esquina  
Vietname, Curdistão, Filipinas  
Angola e Palestina

Para bem contar, preciso é ter coragem  
E deitar contas ao horror  
Que essas contas contarão  
E a conta continua a seguir à tua  
Fome, cárcere - pilhagem

Sê paciente  
Se do Império os mortos vais contar  
Melhor será saber recomeçar  
Que os mortos do Império vão voltar

São mortos distantes  
Em tudo semelhantes  
A esses outros mortos que estão vivos  
Em tímidas vidas  
Almas cativas  
Mas prometidas

Os vivos  
São o regresso dos mortos  
Que os impérios dão  
À revolução



# 03. PODER

(letra e música: José Mário Branco)

1.  
Um herói  
À mesura  
Da sua estatura  
Vai sempre à procura  
Ond' inda ninguém foi

Um herói  
Não descuro  
Um ou outro dói-dói  
Uma dura aventura  
Não mata mas mói

Caso venha a ser preciso  
Arriscar qualquer coisinha  
Na operação  
Um herói no seu juízo  
Leva sempre uma pilinha  
Em cada mão

Com a cobertura da instituição  
Mais aquilo do Deus-Pátria-Canhão  
Um herói nunca se corta  
Meio olho-vivo, meio mão-morta  
A porta  
Não importa

(refrão)

2.

Um herói  
Façanhudo  
É de tudo capaz  
Faz ao peixe miúdo  
O que mais ninguém faz

Um herói  
Catrapás  
Salta dos quadrinhos  
Puxa os cordelinhos  
E eles vêm atrás  
Com algum equipamento  
Assegura a quadratura  
Da operação  
E o simbólico instrumento  
É uma armadura dura  
Em cada mão

Um herói é o garante, o bastão  
Dessa coisa do Deus-Pátria-Canhão  
Nunca teme, nunca se corta  
Come peixinhos da horta  
Mulher morta  
Não aborta

(refrão)

Refrão:  
Poder  
Quem o tem, tem ascendente  
Poder  
Quem o tem, faz-se valente  
Bem usado  
Mal usado  
O poder é prepotente

Assim  
Diz o povo amiúde  
Assim  
Herói era toda a gente  
Mais val' rico e com saúde  
Do que pobre e doente



# 04. AS CONTAS DE DEUS

(letra e música: José Mário Branco)

Folhas de calendário são  
Almas em busca de água e pão  
Quanto mais o tempo passa  
Menos a desgraça  
Tem valor

Que buscas tu, ó meu irmão  
Industrial da opressão  
Cada letra do teu nome  
É um ano de fome  
E de dor

Contas e contas se fazem num dia  
Ai quantas contas se fazem num dia  
Corpos caídos  
Vidas aos bocados  
Tapados dos lados  
Por cima e por baixo  
E eu, ou vou ou racho  
O que eu não faria  
Com as contas de um só dia  
Se eu fosse Deus  
Se Deus não fosse eu

Alguém que acorde esse país  
Que pegue fogo aos alibis  
De quem pensa que o dinheiro  
Se gasta primeiro  
Que o amor

Como se pode ser feliz  
Sabendo a dor que não se diz  
Cada minuto da hora  
Alguém vai embora  
Ou pior

Contas e contas se fazem num dia...

Como se Deus não fosses tu.



# 05. CANÇÃO DOS DESPEDIDOS

(letra e música: José Mário Branco)

Somos explorados no trabalho, e não só  
Também somos o lixo  
Lixo na tê-vê, quem lá está e quem vê  
Lixo no jornal, voz do seu capital  
Estamos entregues aos bichos  
E o lixo produz mais lixo

E o tempo a passar  
E eu a cantar  
Eu também faço parte do lixo

Há quem viva bem do nosso mal-viver  
Nós somos lixo  
Somos só lixo  
Já não há gente, há só lixo  
Dispensável, descartável, reciclável  
E agora parem um minuto p'ra pensar

Há que humanizar a humanidade, e não só  
Há que varrer o lixo  
O do Capital, que é o lixo global  
Lixo do Estado, que é o seu braço armado  
O mundo é de quem manda  
E o resto é propaganda

Tudo é publicidade  
Mas a liberdade  
É escolher entre ser ou estar

Tens a boca cheia de palavras lindas  
P'ra ti sou lixo  
Somos só lixo  
Nós não somos gente, somos lixo  
Dispensável, descartável, reciclável  
Mas vou parar mais um minuto p'ra pensar

Vamos a casa  
Ao fim do dia  
Só p'ra regenerar a mais-valia  
Ganhar forças, fazer filhos  
Cada um no seu caixote  
E amanhã tomar o bote  
Para o paraíso dos cadilhos

Quem é o lixo  
Eles são o lixo do corpo e da alma  
Como é que se pode ter calma  
P'ra varrer este monturo  
Dos escombros do futuro



# 06. ONOFRE

(música e letra: José Mário Branco)

“Onofre”: nome português para “on-off”

Quando o espectro de Goebbels me ensombra  
e me agride com mais  
Guerra mediática  
E a sua matilha se maquilha  
Quando essa escolha cuidada de coisas reais  
ficcionadas, iguais  
Sem lei nem gramática  
Faz de cada Homem uma ilha  
Quando vem a maré negra dessa matilha  
obscena  
E para sobreviver há que sair de cena  
Resta só a solução de premir o botão  
Quem sofre  
Quem sofre  
Quem sempre sofre é o Onofre

Quando a voz do Grande Irmão mostra  
sempre outra cara escondendo  
A paz totalitária  
No negócio do seu matadouro  
Quando propagandeando a janela do mundo  
só abre p'ra dentro  
E é sempre o cenário  
Em que o sangue valoriza o ouro  
Os jornalistas clonados facturam a desgraça  
Nem no amor nem na dor a caravana passa  
Vou vomitar e então carrego no botão  
O Onofre  
O Onofre  
Triste poder de quem sofre

Quando p'ra tanto poder parece que já nada  
podemos fazer  
P'ra nos mantermos vivos  
E eles tão seguros da vitória  
Quando agressivos, banais, sorridentes,  
coprófagos fartos de ser  
Plurais digestivos  
Até resistir é uma história  
Só o Onofre me diz que o dono inda sou eu  
Que esse terrível poder ninguém o elegeu  
E logo a alma da mão carrega no botão  
Onofre  
Onofre  
És o segredo do cofre



# 07. ERAM MAIS DE CEM

(música e letra: José Mário Branco)

Refrão:

Eram mais de cem  
Eram mais de mil  
Não os contei bem  
Um milhão de lil- iputianos pr'ai

Os homens pequenos  
Quando são demais  
Não fazem por menos  
Tornam-se fatais - vão por mim que o vivi

1.

Como é que um freguês duma freguesia  
qualquer  
Vê o seu destino  
Fazer o pino  
Sem saber ler - nem 'screver

Homem avisado sempre ouviu alguém dizer  
Cada naufrágio  
É um presságio  
Do que vai a- contecer

2.

Vá-se lá saber o que é que esta gente me quer  
Este lugar  
Tão singular  
Ai quem me val' - a valer

Há sempre um lugar que falta a gente conhecer  
Ai se eu soubera  
Como isto era  
Nunca viera - aqui ter

3.  
Preso assim que nem é modo d' alguém preso  
ser  
Pequenos fios  
Nós corredios  
Que assim me estão - a prender

Já 'stá tecida uma teia para me tecer  
Cabeça e pés  
Os dedos dez  
Já não me po- sso mexer



# 08. O PAPÃO DO ANÃO

(letra e música: José Mário Branco)

O papão do anão  
É o anão do próprio anão  
O pior p'ro anão  
É ter um irmão menor  
É ter um irmão maior  
É ter um irmão...

Só de costas o anão é parecido  
Com o menino que pode ter sido

Os anões não se medem aos palmos  
Eu sou o melhor  
Eu sou o maior  
Quero ser  
Hei-de ser sempre o mais pequenino  
Estreitinho  
Maneirinho  
Que há-de haver

Propriamente ser anão não custa puto  
O que custa é manter esse estatuto

O papão do anão  
É o anão do próprio anão  
O pior p'rò anão  
É ter um irmão menor  
É ter um irmão maior  
É ter um irmão melhor  
O pior p'rò anão  
É ter um irmão...

Ser anão não é coisa do corpo  
É forma do espírito morto

São anões p'ra quem tudo são palmos  
Eu sou o melhor  
Eu sou o maior  
Quero ser sempre o mais pequenino  
Estreitinho  
Mirradinho  
Que há-de haver

Propriamente ser anão não é defeito  
É gostar de ser pequeno sem proveito

O papão do anão (...)



# 09. A VIDA ROMPEU

(poema: Nuno Júdice, segundo Raúl Brandão;  
música: José Mário Branco)

A vida rompeu  
Onde tudo era breu  
E embora fosse morrer  
A morte  
Começou a reverdecer  
A morte  
Começou a reverdecer

Eram dois mendigos  
E amavam-se de amor  
Demorou Deus a olhá-los

CORO: Demorou Deus a olhá-los

Demoraram os carrascos  
A levá-los  
A levá-los

A vida rompeu  
Onde tudo era breu

Toda a terra fermentou

E embora fosse morrer  
A morte

Vozes, ventos e murmúrios

Eram dois mendigos  
E amavam-se de amor

Deu água a fonte que secou

Demorou Deus a olhá-los  
A morte

Vozes, ventos e murmúrios

Passou a noite absorto  
No negrume opaco da noite  
Sóis, núvens, aves  
Um deus morto  
No negrume opaco da noite



# 10. DO QUE UM HOMEM É CAPAZ

(letra e música: José Mário Branco)

1.

Do que um homem é capaz  
As coisas que ele faz  
P'ra chegar aonde quer  
É capaz de dar a vida  
P'ra levar de vencida  
Uma razão de viver

2.

A vida é como uma estrada  
Que vai sendo traçada  
Sem nunca arrepiar caminho  
E quem pensa estar parado  
Vai no sentido errado  
A caminhar sozinho

3.

Vejo gente cuja vida  
Vai sendo consumida  
Por miragens de poder  
Agarrados a alguns ossos  
No meio dos destroços  
Do que nunca hão-de fazer

4.

Vão poluindo o percurso  
Co' as sobras do discurso  
Que lhes serviu pr' abrir caminho  
À custa das nossas utopias  
Usurpam regalias  
P'ra consumir sozinho

5.

Com políticas concretas  
Impõem essas regras  
Que nos entram casa dentro  
Como a Trilateral  
Co' a treta liberal  
E as virtudes do centro

5.  
Com políticas concretas  
Impõem essas metas  
Que nos entram casa dentro  
Como a Trilateral  
Co' a treta liberal  
E as virtudes do centro

6.  
No lugar da consciência  
A lei da concorrência  
Pisando tudo p'lo caminho  
P'ra castrar a juventude  
Mascaram de virtude  
O querer vencer sozinho

7.  
Ficam cínicos, brutais  
Descendo cada vez mais  
P'ra subir cada vez menos  
Quanto mais o mal se expande  
Mais acham que ser grande  
É lixar os mais pequenos

8.  
Quem escolhe ser assim  
Quando chegar ao fim  
Vai ver que errou o seu caminho  
Quando a vida é hipotecada  
No fim não sobra nada  
E acaba-se sozinho

9.  
Mesmo sendo os poderosos  
Tão fracos e gulosos  
Que precisam do poder  
Mesmo havendo tanta gente  
P'ra quem é indif'rente  
Passar a vida a morrer

10  
Há princípios e valores  
Há sonhos e há amores  
Que sempre irão abrir caminho  
E quem viver abraçado  
À vida que há ao lado  
Não vai morrer sozinho  
E quem morrer abraçado  
À vida que há ao lado  
Não vai viver sozinho

# 11. CANTO DOS TORNA-VIAGEM

(letra e música: José Mário Branco)

Melodia 1 (solistas, depois coro adulto misto)

1. Foi no sulco da viagem  
Já sem armas nem bagagem  
Nem os braços da equipagem  
Foi ao voltar

Pátria moratória  
No coração da História  
Que consumiste a glória  
Num jantar

2. Foi como se Portugal  
P'ra seu bem e p'ra seu mal  
Andasse em busca dum final  
P'ra começar

Ávida violência  
Reverso de inocência  
Sal da inconsciência  
Que há no mar

3. Império tão pequenino  
De portulano caprino  
Bolsos de sina e de sino  
Em cada mão

Pátria imaginária  
De consistência vária  
Afirmção diária  
Do teu não

4. As malas dos portugueses  
São como os olhos das rezes  
Que se mastigam três vezes  
Em cada chão

Cândida ignorância  
Grande desimportância  
Os frutos da errância  
Já lá vão

Melodia 2 (solistas, depois coro adulto misto)

1. Ai Senhora dos Navegantes me valei  
De África, do sal e do mar só eu sobrei  
Foi p'ra me encontrar que amanhã já me perdi  
Longe vai o tempo em que eu já não estou  
aqui

2. Ai Senhora dos Talvez-Muitos-Mais-Sinais  
Socorrei estes desperdícios coloniais  
Foi na noite fria que o dia me cegou  
Inda agora fui, inda agora cá não estou

3. Ai Senhora dos Esquecidos me lembrai  
O caminho que p'ra lá vem e p'ra cá vai  
Etecetra e tal, Portugal é nós no mar  
Inda agora vim e estou longe de chegar

4. Ai Senhora dos Meus Iguais que eu subtraí  
Foi pataca a mim e não foi pataca a ti  
Se é tão grande a alma na palma do meu ser  
Algum dia eu vou finalmente acontecer

Melodia 3 (coro infantil +JMB)

1. Porque não tentar outro ponto de vista  
A história dos outros, quem a contará  
Se qualquer colónia sem colonialista  
São os que já estavam lá

2. Tentemos então ver a coisa ao contrário  
Do ponto de vista de quem não chegou  
Pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário  
Eu não era quem eu sou

3. Os navegadores chegaram cá a casa  
E foi tudo novo p'ra eles e p'ra mim  
A cruz e a espada e os olhos em brasa  
Porque me trataste assim ?

4. Não é culpa nossa se quem p'ra cá veio  
Não se incomodou ao saber do horror  
A História não olha a quem fica no meio  
E o que foi é de quem fôr



# 12. FADO EM DÓ MAIOR

(letra e música: José Mário Branco)

1.  
Qualquer sítio do mundo  
Tem o seu português  
Ou antigo português  
Ou resto de português

O resto desse resto português  
É que faz a vez  
Do todo português

Abismo vagabundo  
Chamado Portugal  
Viaduto natural  
Entre a Índia e o quintal

É tão longe de Portugal a Portugal  
Dói mas não faz mal  
É o mal de Portugal

(refrão)

2.  
Arrisco quase tudo  
E quase pela certa  
Quando a sorte nos aperta  
Perder é quase ganhar

Eu sempre que abalei à descoberta  
Deixei a porta aberta  
Para quem quisesse entrar

Por isso apareço  
Onde menos se espera  
Taberneiro de quimera  
Marinheiro sempre à mão

O ir-e-vir é que me dilacera  
Mas o futuro que já era  
Vai pagando a redenção

(refrão)

3.

Talvez eu chegue um dia  
Ao fim desta viagem  
Ficando aqui na paragem  
A andar p'ra cá e p'ra lá

Se a camioneta nunca mais chegar  
Eu não vou parar de andar  
E alguma coisa virá

A vida é assim feita  
Que tudo o que parece  
É mesmo aquilo que acontece  
Ou parece acontecer

Certo, certo, é que ao fim deste carril  
Há-de haver algum um Brasil  
Para eu me refazer

(refrão)

Refrão:

Por aí  
Mais ou menos  
O que eu vi  
Já te vi  
Ostrogodos sarracenos  
Inda agora os conheci

Saio da casca  
É já ali  
Fico à rasca  
Na borrasca  
Portugal agora é aqui  
Quem não pode, desenrasca



# 13. PÃO-PÃO

(letra e música: José Mário Branco)

1.

Pé de milho  
Pé da porta  
Pai p'ra filho  
Pão-pão

A cultura  
Mesmo àgri-  
Dura, dura  
Pão-pão

Dois lados tem o espelho  
O da mão, o do umbigo  
Uma coisa é ser velho  
Outra é ser antigo

2.

Pedra a pedra  
Ano a ano  
Se não medra  
Pão-pão

Um que nasce  
Um que morre  
O tempo faz-se  
Pão-pão

Dois lados tem o espelho  
O da paz, o do perigo  
Uma coisa é ser velho  
Outra é ser antigo

3.

Gota a gota  
Chove a chuva  
Abarrota  
Pão-pão

O rebanho  
Pela encosta  
Verde branco  
Pão-pão

Dois lados tem o espelho  
O já-está, o não-consigo  
Uma coisa é ser velho  
Outra é ser antigo

4.

Castanheiro  
Centenário  
Chão e cheiro  
Pão-pão

Pensamentos  
Porque há tempo  
Sedimentos  
Pão-pão

Dois lados tem o espelho  
O vizinho, o amigo  
Uma coisa é ser velho  
Outra é ser antigo



# 14. AMOR GIGANTE

(letra e música: José Mário Branco)

Um mundo à justa medida  
Nunca houve  
Nem sei se haverá  
Contam-se histórias da vida  
Tão estranhas  
Tão cruéis que sei lá  
Como a de certa donzela  
Que era extensamente bela

Tão grande e tão amada  
Por quem - nada  
Era ao pé dela

Tão grande e tão amada  
E cortejada  
Por quem - nada  
Era ao pé dela

(refrão)

A menina desta história  
Era grande  
Muito grande até  
Grandeza contraditória  
Mas que pouco  
Esse louco era ao pé  
Pensando não ser bastante  
Sentir um amor gigante

Assim cantava o dito  
Pequenito  
Seu amante

Mais que um canto era um grito  
O do dito  
Pequenito  
Seu amante

(refrão)

As histórias de gigantes  
Era dantes  
Que acabavam bem  
Hoje escolhe-se o amante  
Consoante  
Se o tamanho convém

Refrão:  
Não vejo poder amar-te  
Na desejada proporção  
Embora não sei por que arte  
Caibas de pé no meu coração  
Menina gigante  
Que 'stás tão distante  
Aqui mesmo diante  
De mim

Percorro pressurosamente  
A longa rota do teu corpo  
Sem conseguir, por mais que tente  
Chegar ao fim-de-ti antes de morto  
Menina colosso  
Que eu quero e não posso  
Porque é que assim troço  
De mim



# 15. TENHO DÓ DAS ESTRELAS

(Poema: Fernando Pessoa)

Tenho dó das estrelas  
Luzindo há tanto tempo  
Há tanto tempo...  
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço  
Das coisas,  
De todas as coisas,  
Como das pernas ou de um braço ?

Um cansaço de existir,  
De ser,  
Só de ser,  
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,  
Para as coisas que são,  
Não a morte, mas sim  
(Uma) outra espécie de fim,  
Ou uma grande razão –  
Qualquer coisa assim  
Como um perdão ?



# 16. ELOGIO DE CAEIRO

(letra e música: José Mário Branco)

Olhar p'ra tudo como um movimento  
Certo, elegante comprometimento  
Com a cor, com a norma  
Com a vez, com o tempo  
O tempo justo para a forma  
O tempo justo para dentro  
E só falar para dizer

Viver unido, unido com a terra  
Sem ter sequer qualquer uso p'ra guerra  
Produzir, repartir  
Descansar a seguir  
O olhar incrível de um cavalo  
Sageza, amor, tudo a habitá-lo  
E ser igual dar ou receber

Cantar nitidamente a natureza  
Ser cantar, ser só simples certeza  
Como o vivo, o primeiro  
Como a voz de Caieiro  
Desconhecer o fel da fala  
Ou conhecendo-o, ignorá-la  
E tudo o que é, acontecer

José Mário Branco  
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 01

**Nem Deus nem Senhor**  
(letra e música: José Mário Branco)

A luz é tão cega  
Que nunca se entrega  
Só se deixa ver  
Numa razão de ser  
Sem sequer entender  
Os olhos que a vão receber

E o rasto que fica  
É uma coisa antiga  
Que a gente tem p'ra dar  
E só pode encontrar  
Quando morrer a procurar

Salvo pelo amor  
Só se pode ser salvo pelo amor  
Do sentido perdido ganhador

Não tem Deus nem Senhor  
Esta dor  
Anda à solta por aí  
Que eu bem a vi  
Ai, se eu pudesse parar  
Se eu vos pudesse contar

Salvo pelo amor  
Não existe derrota para a dor  
Com o seu capital triturador

Não tem Deus nem Senhor  
É simplesmente dor  
Que é o que faz questão de ser  
Sem entender  
Que a vida toda surgiu  
De um Sol que nunca se viu  
Nem sei se existe

Canção 02

## Do que um homem é capaz

(letra e música: José Mário Branco)

**1.**

Do que um homem é capaz  
As coisas que ele faz  
P'ra chegar aonde quer  
É capaz de dar a vida  
P'ra levar de vencida  
Uma razão de viver

A vida é como uma estrada  
Que vai sendo traçada  
Sem nunca arrepiar caminho  
E quem pensa estar parado  
Vai no sentido errado  
A caminhar sozinho

---

**2.**

Vejo gente cuja vida  
Vai sendo consumida  
Por miragens de poder  
Agarrados a alguns ossos  
No meio dos destroços  
Do que nunca hão-de fazer

Vão poluindo o percurso  
Co' as sobras do discurso  
Que lhes serviu pr' abrir caminho  
À custa das nossas utopias  
Usurpam regalias  
P'ra consumir sozinho

---

**3.**

Com políticas concretas  
Impõem essas metas  
Que nos entram casa dentro  
Como a Trilateral  
Co' a treta liberal  
E as virtudes do centro

No lugar da consciência  
A lei da concorrência  
Pisando tudo p'lo caminho  
P'ra castrar a juventude  
Mascaram de virtude  
O querer vencer sozinho

---

**4.**

Ficam cínicos, brutais  
Descendo cada vez mais  
P'ra subir cada vez menos  
Quanto mais o mal se expande  
Mais acham que ser grande  
É lixar os mais pequenos

Quem escolhe ser assim  
Quando chegar ao fim  
Vai ver que errou o seu caminho  
Quando a vida é hipotecada  
No fim não sobra nada  
E acaba-se sozinho

---

**5.**

Mesmo sendo os poderosos  
Tão fracos e gulosos  
Que precisam do poder  
Mesmo havendo tanta gente  
P'ra quem é indif'rente  
Passar a vida a morrer

Há princípios e valores  
Há sonhos e há amores  
Que sempre irão abrir caminho  
E quem viver abraçado  
À vida que há ao lado  
Não vai morrer sozinho  
E quem morrer abraçado  
À vida que há ao lado  
Não vai viver sozinho

José Mário Branco  
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 03

## **As contas de Deus**

(letra e música: José Mário Branco)

Folhas de calendário são  
Almas em busca de água e pão  
Quanto mais o tempo passa  
Menos a desgraça  
Tem valor

Que buscas tu, ó meu irmão  
Industrial da opressão  
Cada letra do teu nome  
É um ano de fome  
E de dor

Contas e contas se fazem num dia  
Ai quantas contas se fazem num dia  
Corpos caídos  
Vidas aos bocados  
Tapados dos lados  
Por cima e por baixo  
E eu, ou vou ou racho  
O que eu não faria  
Com as contas de um só dia  
Se eu fosse Deus  
Se Deus não fosse eu

Alguém que acorde esse país  
Que pegue fogo aos alibis  
De quem pensa que o dinheiro  
Se gasta primeiro  
Que o amor

Como se pode ser feliz  
Sabendo a dor que não se diz  
Cada minuto da hora  
Alguém vai embora  
Ou pior

Contas e contas se fazem num dia  
.....

Como se Deus não fosses tu...

Canção 04

## Poder

(letra e música: José Mário Branco)

### 1.

Um herói  
À medida  
Da sua estatura  
Vai sempre à procura  
Ond' inda ninguém foi

Um herói  
Não descura  
Um ou outro dói-dói  
Uma dura aventura  
Não mata mas mói

Caso venha a ser preciso  
Arriscar qualquer coisinha  
Na operação  
Um herói no seu juízo  
Leva sempre uma pilinha  
Em cada mão

Com a cobertura da instituição  
Mais aquilo do Deus-Pátria-Canhão  
Um herói nunca se corta  
Meio olho-vivo, meio mão-morta  
A porta  
Não importa

### 2.

Um herói  
Façanhudo  
É de tudo capaz  
Faz ao peixe miúdo  
O que mais ninguém faz

Um herói  
Catrapás  
Salta dos quadrinhos  
Puxa os cordelinhos  
E eles vêm atrás

Com algum equipamento  
Assegura a quadratura  
Da operação  
É o simbólico instrumento  
É uma armadura dura  
Em cada mão

Um herói é o garante, o bastão  
Dessa coisa do Deus-Pátria-Canhão  
Nunca teme, nunca se corta  
Come peixinhos da horta  
Mulher morta  
Não aborta

**Poder**  
**Quem o tem, tem ascendente**  
**Poder**  
**Quem o tem, faz-se valente**  
**Bem usado**  
**Mal usado**  
**O poder é prepotente**

**Assim**  
**Diz o povo amiúde**  
**Assim**  
**Herói era toda a gente**  
**Mais val' rico e com saúde**  
**Do que pobre e doente**

## Canção dos despedidos

(letra e música: José Mário Branco)

### 1

Somos explorados no trabalho, e não só  
Também somos o lixo  
Lixo na tê-vê, quem lá está e quem vê  
Lixo no jornal, voz do seu capital  
Estamos entregues aos bichos  
E o lixo produz mais lixo

...

E o tempo a passar  
E eu a cantar  
Eu também faço parte do lixo

Há quem viva bem do nosso mal-viver  
Nós somos lixo  
Somos só lixo  
Já não há gente, há só lixo  
Dispensável, descartável, reciclável  
E agora parem um minuto p’ra pensar

### 2

Há que humanizar a humanidade, e não só  
Há que varrer o lixo  
O do Capital, que é o lixo global  
O lixo do Estado, que é o seu braço armado  
O mundo é de quem manda  
E o resto é propaganda

...

Tudo é publicidade  
Mas a liberdade  
É escolher entre ser ou estar

Tens a boca cheia de palavras lindas  
P’ra ti sou lixo  
Somos só lixo  
Nós não somos gente, somos lixo  
Dispensável, descartável, reciclável  
Mas vou parar mais um minuto p’ra pensar

### 3

Vamos a casa  
Ao fim do dia  
Só p’ra regenerar a mais-valia  
Ganhar forças, fazer filhos  
Cada um no seu caixote  
E amanhã tomar o bote  
Para o paraíso dos cadilhos

Quem é o lixo  
Eles são o lixo do corpo e da alma  
Como é que se pode ter calma  
P’ra varrer este monturo  
Dos escombros do futuro

José Mário Branco  
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 06

## **Onofre**

(música e letra: José Mário Branco)

*"Onofre": nome português para o botão "on-off"*

Quando o espectro de Goebbels me ensombra e me agride com mais  
Guerra mediática  
E a sua matilha se maquilha  
Quando essa escolha cuidada de coisas reais ficcionadas, iguais  
Sem lei nem gramática  
Faz de cada Homem uma ilha  
Quando vem a maré negra dessa matilha obscena  
E para sobreviver há que sair de cena  
Resta só a solução de premir o botão  
    Quem sofre  
    Quem sofre  
    Quem sempre sofre é o Onofre

Quando a voz do Grande Irmão mostra sempre outra cara escondendo  
A paz totalitária  
No negócio do seu matadouro  
Quando propagandeando a janela do mundo só abre p'ra dentro  
E é sempre o cenário  
Em que o sangue valoriza o ouro  
Os jornalistas clonados facturam a desgraça  
Nem no amor nem na dor a caravana passa  
Vou vomitar e então carrego no botão  
    O Onofre  
    O Onofre  
    Triste poder de quem sofre

Quando p'ra tanto poder parece que já nada podemos fazer  
P'ra nos mantermos vivos  
E eles tão seguros da vitória  
Quando agressivos, banais, sorridentes, coprófagos fartos de ser  
Plurais digestivos  
Até resistir é uma história  
Só o Onofre me diz que o dono inda sou eu  
Que esse terrível poder ninguém o elegeu  
E logo a alma da mão carrega no botão  
    Onofre  
    Onofre  
    És o segredo do cofre

## **Eram mais de cem**

(letra e música: José Mário Branco)

Refrão:

**Eram mais de cem  
Eram mais de mil  
Não os contei bem  
Um milhão de lil- iputianos pr'ái**

**Os homens pequenos  
Quando são demais  
Não fazem por menos  
Tornam-se fatais - vão por mim que o vivi**

**1.**

Como é que um freguês duma freguesia qualquer  
Vê o seu destino  
Fazer o pino  
Sem saber ler - nem 'screver

Homem avisado sempre ouviu alguém dizer  
Cada naufrágio  
É um preságio  
Do que vai a- contecer

**2.**

Vá-se lá saber o que é que esta gente me quer  
Este lugar  
Tão singular  
Ai quem me val' - a valer

Há sempre um lugar que falta a gente conhecer  
Ai se eu soubera  
Como isto era  
Nunca viera - aqui ter

**3.**

Preso assim que nem é modo d' alguém preso ser  
Pequenos fios  
Nós corredios  
Que assim me estão - a prender

Já 'stá tecida uma teia para me tecer  
Cabeça e pés  
Os dedos dez  
Já não me po- sso mexer

## **O papão do anão**

(letra e música: José Mário Branco)

**O papão do anão  
É o anão do próprio anão  
O pior p'ró anão  
É ter um irmão menor  
É ter um irmão maior  
É ter um irmão...**

Só de costas o anão é parecido  
Com o menino que pode ter sido

Os anões não se medem aos palmos  
Eu sou o melhor  
Eu sou o maior  
Quero ser  
Hei-de ser sempre o mais pequenino  
Estreitinho  
Maneirinho  
Que há-de haver

Propriamente ser anão não custa puto  
O que custa é manter esse estatuto

**O papão do anão  
É o anão do próprio anão  
O pior p'ró anão  
É ter um irmão menor  
É ter um irmão maior  
É ter um irmão melhor  
O pior p'ró anão  
É ter um irmão...**

Ser anão não é coisa do corpo  
É forma do espírito morto

São anões p'ra quem tudo são palmos  
Eu sou o melhor  
Eu sou o maior  
Quero ser sempre o mais pequenino  
Estreitinho  
Mirradinho  
Que há-de haver

Propriamente ser anão não é defeito  
É gostar de ser pequeno sem proveito

**O papão do anão (...)**

Canção 09

**Canto dos Torna-Viagem**  
(letra e música: José Mário Branco)

*Ao Fausto*

**Melodia 1** (JMB, depois coro adulto misto)

1. Foi no sulco da viagem  
Já sem armas nem bagagem  
Nem os braços da equipagem  
Foi ao voltar

Pátria moratória  
No coração da História  
Que consumiste a glória  
Num jantar

2. Foi como se Portugal  
P'ra seu bem e p'ra seu mal  
Andasse em busca dum final  
P'ra começar

Ávida violência  
Reverso de inocência  
Sal da inconsciência  
Que há no mar

3. Império tão pequenino  
De portulano caprino  
Bolsos de sina e de sino  
Em cada mão

Pátria imaginária  
De consistência vária  
Afirmção diária  
Do teu não

4. As malas dos portugueses  
São como os olhos das rezes  
Que se mastigam três vezes  
Em cada chão

Cândida ignorância  
Grande desimportância  
Os frutos da errância  
Já lá vão

**Melodia 2** (Fausto, depois coro adulto misto)

1. Ai Senhora dos Navegantes me valei  
De África, do sal e do mar só eu sobrei  
Foi p'ra me encontrar que amanhã já me perdi  
Longe vai o tempo em que eu já não estou aqui

2. Ai Senhora dos Talvez-Muitos-Mais-Sinais  
Socorrei estes desperdícios coloniais  
Foi na noite fria que o dia me cegou  
Inda agora fui, inda agora cá não estou

3. Ai Senhora dos Esquecidos me lembrai  
O caminho que p'ra lá vem e p'ra cá vai  
Etecetra e tal, Portugal é nós no mar  
Inda agora vim e estou longe de chegar

4. Ai Senhora dos Meus Iguais que eu subtraí  
Foi pataca a mim e não foi pataca a ti  
Se é tão grande a alma na palma do meu ser  
Algum dia eu vou finalmente acontecer

**Melodia 3** (coro infantil +JMB)

1. Porque não tentar outro ponto de vista  
A história dos outros, quem a contará  
Se qualquer colónia sem colonialista  
São os que já estavam lá

2. Tentemos então ver a coisa ao contrário  
Do ponto de vista de quem não chegou  
Pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário  
Eu não era quem eu sou

3. Os navegadores chegaram cá a casa  
E foi tudo novo p'ra eles e p'ra mim  
A cruz e a espada e os olhos em brasa  
Porque me trataste assim ?

4. Não é culpa nossa se quem p'ra cá veio  
Não se incomodou ao saber do horror  
A História não olha a quem fica no meio  
E o que foi é de quem fôr

Canção 10

## Pão-pão

(letra e música: José Mário Branco)

**1.**

Pé de milho  
Pé da porta  
Pai p'ra filho  
Pão-pão

A cultura  
Mesmo à gri-  
Dura, dura  
Pão-pão

Dois lados tem o espelho  
O da mão, o do umbigo  
Uma coisa é ser velho  
Outra é ser antigo

**2.**

Pedra a pedra  
Ano a ano  
Se não medra  
Pão-pão

Um que nasce  
Um que morre  
O tempo faz-se  
Pão-pão

Dois lados tem o espelho  
O da paz, o do perigo  
Uma coisa é ser velho  
Outra é ser antigo

**3.**

Gota a gota  
Chove a chuva  
Abarrota  
Pão-pão

O rebanho  
Pela encosta  
Verde branco  
Pão-pão

Dois lados tem o espelho  
O já-está, o não-consigo  
Uma coisa é ser velho  
Outra é ser antigo

**4.**

Castanheiro  
Centenário  
Chão e cheiro  
Pão-pão

Pensamentos  
Porque há tempo  
Sedimentos  
Pão-pão

Dois lados tem o espelho  
O vizinho, o amigo  
Uma coisa é ser velho  
Outra é ser antigo

Canção 11

**Fado em dó maior**  
(letra e música: José Mário Branco)

**1.**

Qualquer sítio do mundo  
Tem o seu português  
Ou antigo português  
Ou resto de português

O resto desse resto português  
É que faz a vez  
Do todo português

Abismo vagabundo  
Chamado Portugal  
Viaduto natural  
Entre a Índia e o quintal

É tão longe de Portugal a Portugal  
Dói mas não faz mal  
É o mal de Portugal

*(ao refrão)*

**2.**

Arrisco quase tudo  
E quase pela certa  
Quando a sorte nos aperta  
Perder é quase ganhar

Eu sempre que abalei à descoberta  
Deixei a porta aberta  
Para quem quisesse entrar

Por isso apareço  
Onde menos se espera  
Taberneiro de quimera  
Marinheiro sempre à mão

O ir-e-vir é que me dilacera  
Mas o futuro que já era  
Vai pagando a redenção

*(ao refrão)*

**3.**

Talvez eu chegue um dia  
Ao fim desta viagem  
Ficando aqui na paragem  
A andar p'ra cá e p'ra lá

Se a camioneta nunca mais chegar  
Eu não vou parar de andar  
E alguma coisa virá

A vida é assim feita  
Que tudo o que parece  
É mesmo aquilo que acontece  
Ou parece acontecer

Certo, certo, é que ao fim deste carril  
Há-de haver algum um Brasil  
Para eu me refazer

*(ao refrão)*

**Refrão:**

**Por aí  
Mais ou menos  
O que eu vi  
Já te vi  
Ostrogodos sarracenos  
Inda agora os conheci**

**Saio da casca  
É já ali  
Fico à rasca  
Na borrasca  
Portugal agora é aqui  
Quem não pode, desenrasca**

José Mário Branco  
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 12

## **Amor gigante**

(letra e música: José Mário Branco)

Um mundo à justa medida  
Nunca houve  
Nem sei se haverá  
Contam-se histórias da vida  
Tão estranhas  
Tão cruéis que sei lá  
    Como a de certa donzela  
    Que era extensamente bela

Tão grande e tão amada  
Por quem - nada  
Era ao pé dela

Tão grande e tão amada  
E cortejada  
Por quem - nada  
Era ao pé dela

---

### **Refrão:**

**Não vejo poder amar-te  
Na desejada proporção  
Embora não sei por que arte  
Caibas de pé no meu coração  
Menina gigante  
Que 'stás tão distante  
Aqui mesmo diante  
De mim**

**Percorro pressurosamente  
A longa rota do teu corpo  
Sem conseguir, por mais que tente  
Chegar ao fim-de-ti antes de morto  
Menina colosso  
Que eu quero e não posso  
Porque é que assim troço  
De mim**

---

A menina desta história  
Era grande  
Muito grande até  
Grandeza contraditória  
Mas que pouco  
Esse louco era ao pé  
    Pensando não ser bastante  
    Sentir um amor gigante

Assim cantava o dito  
Pequenito  
Seu amante

Mais que um canto era um grito  
O do dito  
Pequenito  
Seu amante

---

### **Ao refrão**

---

As histórias de gigantes  
Era dantes  
Que acabavam bem  
Hoje escolhe-se o amante  
Consoante  
Se o tamanho convém

José Mário Branco  
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 13

## **A vida rompeu**

*(da peça "A morte do palhaço")*

(poema: Nuno Júdice, segundo Raúl Brandão; música: José Mário Branco)

A vida rompeu  
Onde tudo era breu  
E embora fosse morrer  
A morte  
Começou a reverdecer  
A morte  
Começou a reverdecer

Eram dois mendigos  
E amavam-se de amor  
Demorou Deus a olhá-los

*CORO: Demorou Deus a olhá-los*

Demoraram os carrascos  
A levá-los  
A levá-los

*A vida rompeu  
Onde tudo era breu*

Toda a terra fermentou

*E embora fosse morrer  
A morte*

Vozes, ventos e murmúrios

*Eram dois mendigos  
E amavam-se de amor*

Deu água a fonte que secou

*Demorou Deus a olhá-los  
A morte*

Vozes, ventos e murmúrios

Passou a noite absorto  
No negrume opaco da noite  
Sóis, núvens, aves  
Um deus morto  
No negrume opaco da noite

## **Se do Império**

(letra e música: José Mário Branco)

- 1.** Se do Império os mortos vais contar  
São tantas as parcelas p'ra somar  
Qualquer pequena história ao virar da esquina  
Guatemala, Indonésia, Argentina  
Djenine e Hiroshima

Para bem contar, não contes pelos dedos  
Nenhuma conta conta a dor  
Que essas contas contarão  
Aí nessa rua a seguir à tua  
Sangue, lágrimas - e medos

Tem cuidado  
Se do Império os mortos vais contar  
Melhor será saber recomeçar  
Que os mortos do Império vão voltar

- 2.** Se do Império os mortos vais contar  
Terás milhões de vidas p'ra somar  
A grande história escrita ao virar da esquina  
Vietname, Curdistão, Filipinas  
Angola e Palestina

Para bem contar, preciso é ter coragem  
E deitar contas ao horror  
Que essas contas contarão  
E a conta continua a seguir à tua  
Fome, cárcere - pilhagem

Sê paciente  
Se do Império os mortos vais contar  
Melhor será saber recomeçar  
Que os mortos do Império vão voltar

- 3.** São mortos distantes  
Em tudo semelhantes  
A esses outros mortos que estão vivos  
Em tímidas vidas  
Almas cativas  
Mas prometidas

Os vivos  
São o regresso dos mortos  
Que os impérios dão  
À revolução

José Mário Branco  
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 15

**Tenho dó das estrelas**  
(Fernando Pessoa / J.M. Branco)

Tenho dó das estrelas  
Luzindo há tanto tempo  
Há tanto tempo...  
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço  
Das coisas,  
De todas as coisas,  
Como das pernas ou de um braço ?

Um cansaço de existir,  
De ser,  
Só de ser,  
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,  
Para as coisas que são,  
Não a morte, mas sim  
(Uma) outra espécie de fim,  
Ou uma grande razão –  
Qualquer coisa assim  
Como um perdão ?

José Mário Branco  
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 16

**Elogio de Caeiro**  
(letra e música: José Mário Branco)

*ao Zé Peixoto*

Olhar p'ra tudo como um movimento  
Certo, elegante comprometimento  
Com a cor, com a norma  
Com a vez, com o tempo  
O tempo justo para a forma  
O tempo justo para dentro  
E só falar para dizer

Viver unido, unido com a terra  
Sem ter sequer qualquer uso p'rà guerra  
Produzir, repartir  
Descansar a seguir  
O olhar incrível de um cavalo  
Sageza, amor, tudo a habitá-lo  
E ser igual dar ou receber

Cantar nitidamente a natureza  
Ser cantar, ser só simples certeza  
Como o vivo, o primeiro  
Como a voz de Caeiro  
Desconhecer o fel da fala  
Ou conhecendo-o, ignorá-la  
E tudo o que é, acontecer